

## O Estado da Arte das questões étnico-raciais nas pesquisas em ensino de Geografia

Rafael Cícero de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre o Estado da Arte referente às Questões Étnico-raciais na Geografia brasileira, entendidas como a multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros e negras no Brasil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa no banco de dados digital da CAPES e nos programas de pós-graduação das próprias universidades a respeito da produção acadêmica sobre o tema. Nos últimos anos, a produção acadêmica em nível de pós-graduação em Geografia sobre as questões étnico-raciais vem crescendo significativamente. Dados mostram que desde a promulgação da Lei Federal 10.639 geógrafas e geógrafos vêm apresentando inúmeras releituras das dimensões espaciais das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, constituindo um arcabouço epistemológico da ciência Geográfica no que diz a respeito à essa temática, durante muito tempo negligenciada.

**Palavras-chaves:** Geografia; Questões Étnico-raciais; Pós-graduação; Lei 10.639.

### The State of the Art of ethnic-racial Issues in Geography teaching research

#### ABSTRACT

This article aims to present some reflections on the State of the Art regarding Ethnic-Racial Issues in Brazilian Geography understood as the multiplicity of dimensions and issues that involve the history, culture and life of black men and women in Brazil. To this end, a research was conducted in the digital database of CAPES and the post-graduate programs of the universities themselves concerning the academic production on the topic. In recent years, the academic production in the postgraduate programs in Geography related to this subject has grown significantly. Data show that since the enactment of the Federal Law 10,639, geographers have been presenting numerous readings and re-readings of the spatial dimensions of racial relations in the Brazilian society, constituting an epistemological framework of the Geographic science regarding this theme, which has long been neglected.

**Keywords:** Geography; ethnic-racial issues; post-graduate program; Law 10.639

#### Introdução

Entendemos, como Andrade (1999, p. 32), que “a geografia brasileira não está construída, não concluiu ainda o seu processo evolutivo, ela segue um processo de construção que nunca terá fim; à proporção que vai sendo construída, vai descortinando novos desafios que precisam ser respondidas”. É um processo comum às ciências que se põem em diálogo com a sociedade e com

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Professor de Geografia do Ensino básico. E-mail: [rafaelcicero17@gmail.com](mailto:rafaelcicero17@gmail.com)

seus movimentos, cuja “solução de problemas vai sempre provocando o surgimento de novos problemas, em vista das transformações que a sociedade vai realizando.” (ANDRADE, 1999, p. 32)

Desde a sua consolidação como saber universitário nos anos 1930, a Geografia brasileira vem ascendendo quantitativa e qualitativamente, com grande relevância internacional, com pesquisas desenvolvidas para entender as dinâmicas do território brasileiro e suas complexidades, bem como questões internacionais de geopolítica e Globalização. De acordo com Andrade (1999, p. 21), “os geógrafos contribuem com uma vasta produção científica, em livros, em revistas especializadas e não especificamente geográficas, realizam seminários, congressos e reuniões científicas várias vezes por ano em pontos diversos do território nacional”.

As pesquisas de maiores envergaduras da Geografia são desenvolvidas nos programas de pós-graduação no âmbito de mestrado e doutorado. A pós-graduação é considerada o conhecimento científico de maior importância no mundo acadêmico e tem por objetivo desenvolver e aprimorar a ciência e, por consequência, beneficiar toda a sociedade em todos os campos de interesse da humanidade. Desde a criação de seu primeiro programa, em 1971, a Pós-graduação em Geografia no Brasil está em constante processo de qualificação e expansão.

Desta forma, julgamos que analisar as produções acadêmicas dos programas brasileiros de pós-graduação em Geografia é de suma importância para entender a relevância e/ou identificar a ausência de uma determinada temática, no caso aqui das questões étnico-raciais, bem como investigar de que forma a ciência geográfica vem contribuindo para as discussões antirracistas.

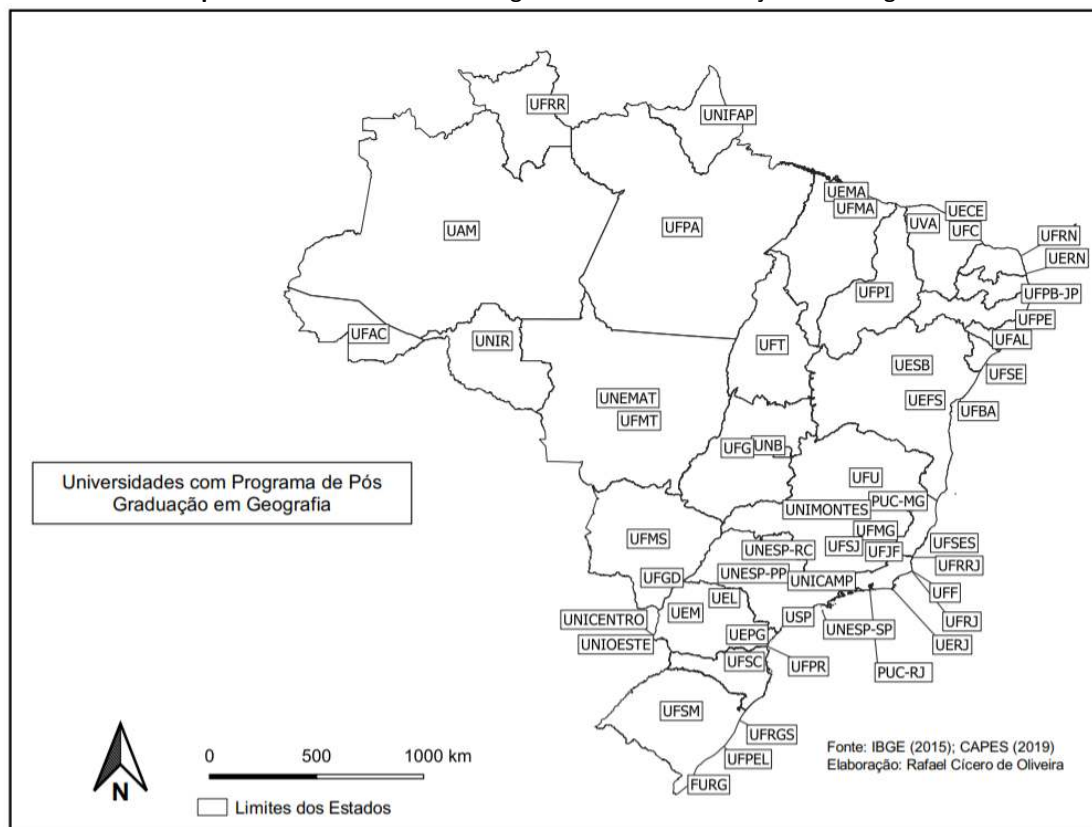
Citando as palavras de Borzacchiello Dantas e Silva (2005, p. 22) “a pós-graduação em Geografia no Brasil, em seus primórdios, dependia das universidades estrangeiras para formação de seus quadros. É considerável o número de professores que obtiveram seus títulos de doutorado no exterior, principalmente na França.” Foi somente décadas mais tarde que o quadro mudou. De fato, os programas de Pós-graduação em Geografia no Brasil começaram a se estruturar a partir da década de 1970, na formação dos primeiros cursos de pós-graduação em Geografia Humana e de Geografia Física da Universidade de São Paulo (USP), com seus programas de mestrado e doutorado já em 1971. Ademais, apesar de somente a datar dessa época a pós-graduação em Geografia encontrar-se formalizada, a formação de doutores pela USP é anterior a esta iniciativa, com a primeira tese em Geografia defendida em 1944, seguida de outras sete.

O desenvolvimento da pós-graduação em Geografia, na verdade, acompanhou um movimento nacional do início da década de 1970, com a instituição do Programa Intensivo de Pós-Graduação (decreto n.67.348), ocasião em que foram estabelecidas as medidas para garantir o

desenvolvimento sistemático da pós-graduação no Brasil, com significativos e necessários investimentos financeiros ao seu desenvolvimento (MARTINS, 1991).

Contudo, somente na última década a pós-graduação em Geografia alcança de fato a escala nacional, atingindo todas as unidades da federação. De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atualmente a Geografia conta 66 programas, distribuídos nos 26 estados e no distrito Federal, como podemos observar no mapa abaixo.

**Mapa 1:** Universidades com Programas de Pós-Graduação em Geografia



Pode-se observar que os programas de pós-graduação em Geografia estão distribuídos por todo território nacional, mesmo que de forma desigual, com uma nítida concentração na região sudeste (cerca 25% dos cursos). Nestes programas, as mais diferentes temáticas são abordadas, sob diferentes perspectivas teórico-epistemológicas das várias correntes do pensamento Geográfico. Essa diversificação é salutar e contribui em muito para ampliação do debate da produção do conhecimento na Geografia. Para Paula (2018), “o crescimento destes programas é de grande importância na compreensão da pesquisa em Geografia, [...] abriu a possibilidade para outros sujeitos se inserirem como pesquisadores, e, assim, apresentarem o Brasil a partir da análise de processos em que estão implicados” (PAULA, 2018, p. 50).

No bojo destas discussões, coloca-se a seguinte questão: qual tem sido a atenção dada às questões étnico-raciais na crescente produção geográfica brasileira ou, em outras palavras, em que medida as temáticas étnico-raciais têm sido privilegiadas ou negligenciadas e se todos os sujeitos/movimentos dos espaços geográficos estão sendo evidenciados?

Para o desenvolvimento deste trabalho, recorreremos ao estado da arte ou estado do conhecimento, assim como nos orienta FERREIRA (2002), processo metodológico que nos permite mapear e discutir a produção acadêmica de uma área do conhecimento em determinado período, sendo nosso recorte temporal indo de 2003 a 2018. A partir dessa metodologia, realizamos o levantamento das pesquisas que tratam de questões étnico-raciais nos programas de pós-graduação em Geografia. Esse levantamento foi realizado nos bancos de dados digitais da CAPES e dos programas de pós-graduação das próprias universidades.

### **Geografia das Questões Étnico-raciais: reflexões introdutórias**

O uso do adjetivo composto “étnico-racial” ou de expressões como “a questão étnico-racial” são utilizadas nesse trabalho para se referir à multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a população afro-brasileira. Na área da educação, onde essas expressões são mais comuns, sublinha Gomes (2020, s.p) que “mais do que uma junção dos termos, essa formulação pode ser vista como a tentativa de sair de um impasse e da postura dicotômica entre os conceitos de raça e etnia”.

Antes de mais nada, essa perspectiva reconhece e valoriza a dimensão cultural (linguagem, tradições, religião, ancestralidade), mas também as características fenotípicas dos negros e negras, sem deixar a centralidade da categoria raça nas análises que envolvem essa parcela da população. É a partir deste referencial que esse trabalho será desenvolvido: utilizaremos o conceito “étnico-racial” pois entendemos que a articulação do conceito de raça e de etnia torna-se mais abrangente e condizente com a multiplicidade identitária que compõe a população afro-brasileira, sem negar a centralidade da raça (GOMES, 2005).

Da mesma forma, quando nos referimos às “questões étnico-raciais”, atribuímo-las à multiplicidade de temas que envolvem a população negra, tais como racismo, educação antirracista, educação para diversidade, segregação socioespacial, quilombos, religiões de matrizes africanas, diáspora, Movimento Negro, expressões culturais afro-brasileira (Samba, Hip-Hop, Capoeira etc.), África e países africanos.

A partir de nosso foco, queremos demonstrar que todas estas facetas se expressam no espaço e nos seus arranjos, em suas diferentes escalas de análises, pois “a raça é um constructo social ancorado em leituras de espaço e, portanto, ela também se constitui como um dos temas possíveis de serem contemplados pela ciência geográfica” (MARCELINO, 2018, p.112).

De acordo com Cirqueira (2015, p.19), a racialidade compõe as discussões da Geografia desde a sua gênese, inclusive no Brasil:

Contudo, por conta de uma história que envolveu mudanças na forma de interpretar o étnico-racial e a nação, bem como, a ocorrência de giros epistemológicos na própria Geografia, esse tema, compreendido como maldito, foi soterrado na “memória” profunda da disciplina, ainda sim, continua informando e influenciando o discurso geográfico que se produz.

É indispensável que atentemos que desde o primeiro momento de conformação da identidade da Geografia enquanto ciência moderna, a questão da racialidade foi abordada na mesma linha dos discursos hegemônicos do período, com classificações e hierarquização dos grupos e/ou dos lugares de modo que “as teorias racialistas do séc. XIX definiram a diversidade humana como produto de meios naturais distintos. Na verdade, fixaram cada raça a localidades naturais do globo, fato que alguns pensadores europeus do período denominaram de “raças geográficas”. (CIRQUEIRA, 2015, p.45).

De acordo com Cirqueira (2015, p.18-19), essas teorias ou discursos pseudocientíficos foram abandonados pela Geografia, mas como esse ideário já “estava impregnado em sua epistemologia, mediante a concepções pautadas por um ‘universalismo republicano’ e uma ‘ciência cega à raça’, continuou reproduzindo categorias e visões racializadas em muitos de suas interpretações”, mesmo após a virada crítica nos estudos geográficos do início dos anos 1980 aqui no Brasil.

Ainda hoje, carecemos de estudos a respeito da evolução das questões étnico-raciais na história do pensamento geográfico. Para Ratts (2004, p. 85), as categorias raça e etnia devem ser mais exploradas pela ciência geográfica, pois “existe um terreno propício para que a Geografia se envolva com esse encontro/confronto teórico que implica em trazer etnia e raça para dentro de suas análises, assim como o fizemos com a ‘cultura’”. O autor defende que a Geografia precisa “constituir um saber que conjugue a reflexão sobre raça com a(s) teoria(s) acerca do espaço. O espaço é elemento constitutivo e produto de encontros/confrontos étnicos e raciais e a unidade de análise pode variar do território nacional à habitação familiar” (RATTS, 2004). Na mesma linha dessas reflexões, Santos (2007, p. 31) também ressalta que “as relações raciais, o racismo e, evidentemente, as lutas contra este são, portanto, grafadas no espaço e, no mesmo movimento

em que nele se constituem, também condicionadas por ele. Desse modo, podemos falar, portanto, de ‘expressões espaciais das relações raciais’ [...] ou seja, para a Geografia, enquanto ciência do território, as questões étnico-raciais devem ser estudadas como algo constituinte deste campo do conhecimento e não complementar ou externo a ele.

Há que se ressaltar que nos últimos anos temos um crescente debate sobre a geograficidade das questões étnico-raciais fomentado por geógrafos e geógrafas, ensejando um arcabouço epistemológico na Geografia sobre essa temática, durante muito tempo negligenciada. Estas discussões vêm ganhando força com estudos sobre a segregação socioespacial e racial (CARRIL, 2003; CAMPOS, 2006); com a cartografia étnica (ANJOS, 2009), africana (ANJOS, 2014) e racial (FERREIRA E RATTIS, 2017); naqueles sobre as relações raciais e a epistemologia da Geografia (MALACHAIS, 2006; MARCELINO, 2018); inscrições raciais na gênese da Geografia Moderna (CIRQUEIRA, 2015); sobre territorialidades quilombolas (ANJOS, 2004); estudos como os dos territórios e manifestações culturais do Hip-Hop e das “Religiões Afro” (DIAS, 2003; OLIVEIRA, 2006); das geopolíticas dos países africanos (SANTOS, 2016; SILVA, 2017); no ensino sobre a África (FERRACINI, 2012; PEREIRA, 2012); com o tema “Geografia e Movimentos sociais” (SANTOS, 2006; MARCELINO, 2018); no ensino da Geografia das Questões Étnico-raciais (VOZZOLER, 2006; SANTOS, 2007).

Esses trabalhos são artefatos da conformação da Geografia das Relações Étnico-raciais e vêm ganhando corpo nas duas últimas décadas, trazendo para o interior dessa ciência as expressões espaciais das racialidades. Desta forma, também preenchem uma lacuna de referências bibliográficas próprias da Geografia, pois, conforme Cirqueira (2015, p.21), “ainda que haja abordagens acerca do tema, há um vácuo nas referências bibliográficas dos autores mais proeminentes e mesmo em trabalhos de mestrados e doutorado.”

### **O Estado da Arte das Questões Étnico-raciais na Geografia: Considerações sobre as pesquisas da Pós-Graduação em Geografia**

Como mencionado antes, entendemos que analisar as produções forjadas nos programas de pós-graduação de Geografia nos permite também ter um olhar mais amplo quanto a presença ou ausência das questões étnico-raciais na produção acadêmica da Geografia em nível nacional. Investigar o estado da arte ou estado do conhecimento se faz necessário pelos ótimos resultados que se pode alcançar, os quais, como nos mostra Ferreira (2002, p. 258), algo atestado tanto no

Brasil quanto em outros países, dizem respeito a um conjunto significativo de pesquisas “de caráter bibliográfico, com objetivo de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares [...]”.

De acordo com Haddad (2002, p. 9), pesquisas que se debruçam sobre o estado da arte de determinado tema, a partir de um recorte temporal definido, nos permitem “sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos a pesquisas futuras”. Ferreira (2002, p. 265), ainda destaca que nesse processo de mapear a produção acadêmica em um determinado período e meio de pesquisa é possível perceber quais pesquisas “[...] crescem e se espessam ao longo do tempo; ampliam-se em saltos ou em movimentos contínuos; multiplicam-se, mudando os sujeitos e as forças envolvidas; diversificam-se os locais de produção, entrecruzam-se e transformam-se; desaparecem em algum tempo ou lugar.”

A referida autora, dialogando com as reflexões de Soares (1989, p.3, *apud* Ferreira 2002, p. 259), sublinha a relevância das pesquisas sobre o estado da arte, uma vez que a “compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos [...]”. Assim, por meio desse tipo de estudo, podemos visualizar narrativas da produção acadêmica de uma certa produção de conhecimento, sendo possível diagnosticar o movimento da própria ciência.

As pesquisas sobre o estado da arte têm um caráter bibliográfico, o que nos ajudará a compreender os tensionamentos e disputas na produção das pesquisas na Geografia, pois como aponta Ferreira (2002, p. 258), as pesquisas dessa natureza tentam “[...] responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado [...]”. Desta forma, ao identificar o estado da arte teremos um importante panorama para captarmos o lugar das questões étnico-raciais na Geografia brasileira, lugar esse que, por consequência, servirá também como um subsídio para desenvolvimento da nossa pesquisa. Seguimos Messina (1998 *apud* ROMANOWISK, ENS, 2006, p. 40), ao conceber que “um estudo da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando”.

O recorte temporal escolhido para nossa análise foi de 2003 a 2018, período de pesquisa do nosso projeto de mestrado em desenvolvimento.<sup>2</sup> O ponto de partida foi 2003, ano da publicação da Lei 10.639, que institui a obrigatoriedade de se trabalhar o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana em todo currículo escolar. Já a definição de 2018 como ano limite das análises, se dá pelo fato de ser esse o ano da implantação do atual currículo de Geografia da rede municipal de ensino de São Paulo.

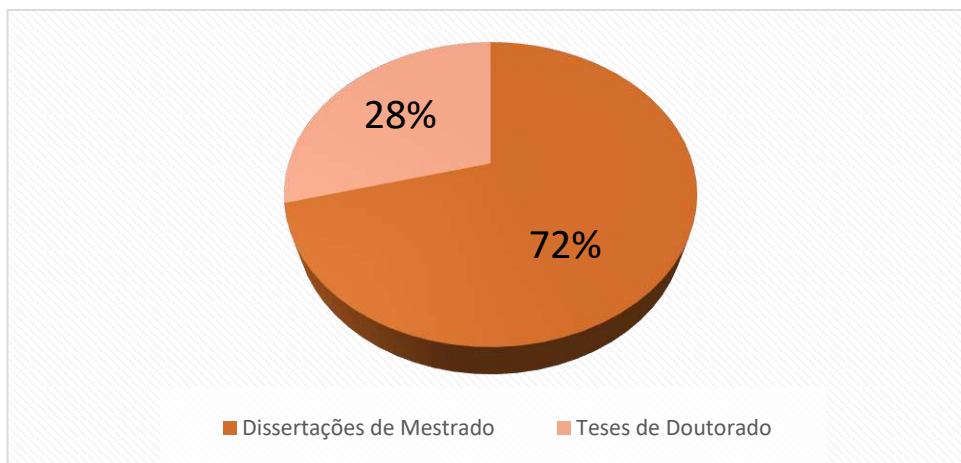
Definido o recorte temporal, iniciamos o levantamento dos resumos de dissertações e teses realizadas em universidades brasileiras que contam com programas de pós-graduação em Geografia, disponibilizados em bancos de dados digitais nacionais ou dos próprios programas de pós-graduação. Dentre os bancos de dados digitais as principais fontes foram Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações (Plataforma Sucupira) e o Banco de Dados das Teses e Dissertações da Biblioteca Digital da USP.

Cabe aqui ressaltar que a maioria dos programas de pós-graduação em Geografia não mantém um sistema de banco de dados digital atualizado e completo com as produções realizadas ao longo da história do programa, impondo-se a necessidade de complementar o levantamento e manter de maneira mais sistêmica o envio das pesquisas para o banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Para localizar as pesquisas de Geografia que abordam as Questões Étnico-raciais nas produções acadêmicas dos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil elegemos algumas palavras/assuntos chaves que trazem por natureza essas questões, a saber, África, Países Africanos, Quilombo, Quilombola, Questões Étnico-raciais, Lei 10.639, Racismo, Segregação racial, Educação antirracista, Movimento negro, Samba, Hip-Hop, Religiões de matrizes africanas, Espaços afro-brasileiros, Territórios e étnicos e Cartografia étnica.

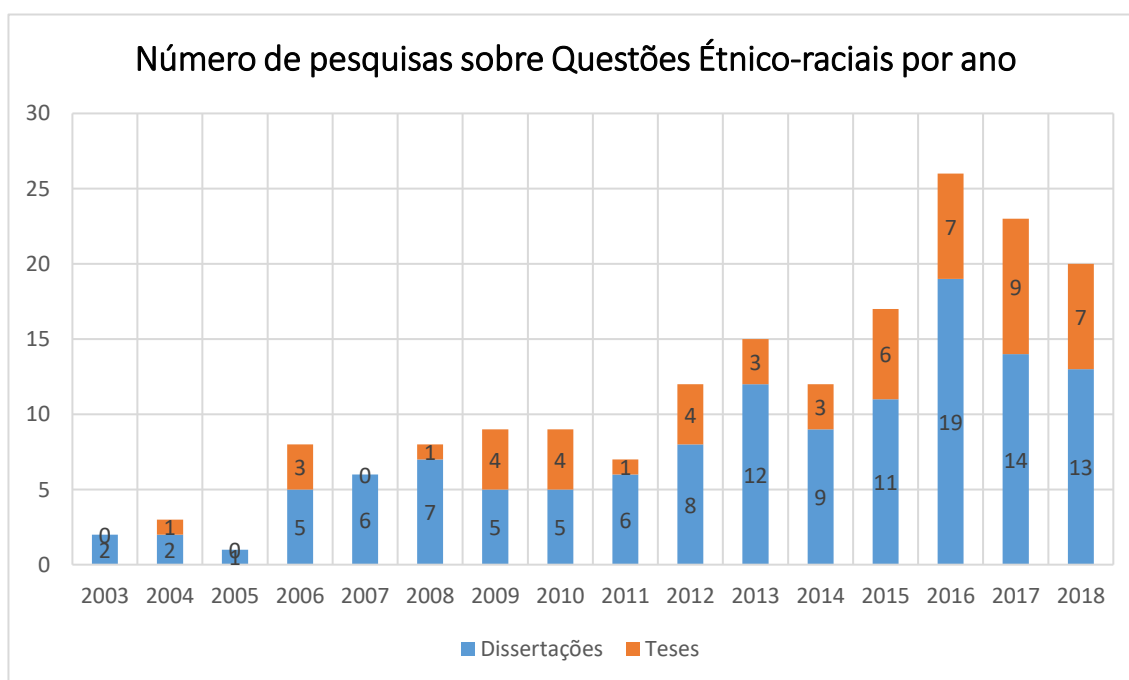
De 2003 a 2018 encontramos 173 trabalhos, sendo 124 dissertações de mestrado e 49 teses de doutorado, como mostra o gráfico 1. Um número significativo e crescente se comparado ao período anterior à Lei 10.639, onde recuperamos apenas 11 trabalhos.

2 A pesquisa de mestrado em questão tem por objetivo analisar os desdobramentos da Lei 10.639/03 nos currículos oficiais de Geografia da rede municipal de São Paulo, de 2003 a 2018. Está sendo realizada junto ao Programa da Pós-Graduação e Geografia Humana da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof<sup>o</sup> Doutor Eduardo Donizeti Giroto.

**Gráfico1:** Natureza da Pesquisa

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode-se observar que há um predomínio de dissertações de mestrado em comparação as teses de doutorado. Essa diferença é resultante, sobretudo, do número menor de programas de pós-graduação em Geografia que oferecem doutorado, o que evidentemente impacta na quantidade de produções. Sublinha-se, ainda, que de acordo com o banco de dados da CAPES, dos 66 programas de pós-graduação em Geografia, apenas 35 realizam pesquisas em nível de doutorado. Por outro lado, os dados indicam que no período analisado, o número de dissertações e teses cresce continuamente desde 2003, sobretudo na última década, como podemos observar no gráfico (2) a seguir.

**Gráfico2:** Produção de teses e dissertações por ano (2003-2018)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse movimento de crescimento das pesquisas de pós-graduação em Geografia, no que tange as Questões Étnico-raciais, já havia sido observado por Cirqueira e Correa (2012; 2014). Nesta mesma linha, Marcelino (2018, p. 113) apontou que desde a promulgação da Lei Federal nº 10.639/03 se pode observar “um número crescente de publicações (artigos, monografias, teses, dissertações e livros) elaboradas por geógrafos sobre as inscrições de racialidades presentes nas relações de produção do espaço geográfico”.

Cabe ressaltar que o interesse pelas questões étnico-raciais está presente também em outras áreas do conhecimento em nível de pós-graduação. De acordo com Artes e Mena-Chalco (2017, p.1221) “existem evidências claras de que o crescimento na quantidade de teses e dissertações sobre relações [raciais] é maior quando comparado à média de trabalhos defendidos no mesmo período, mostrando assim um crescente interesse sobre a temática”.

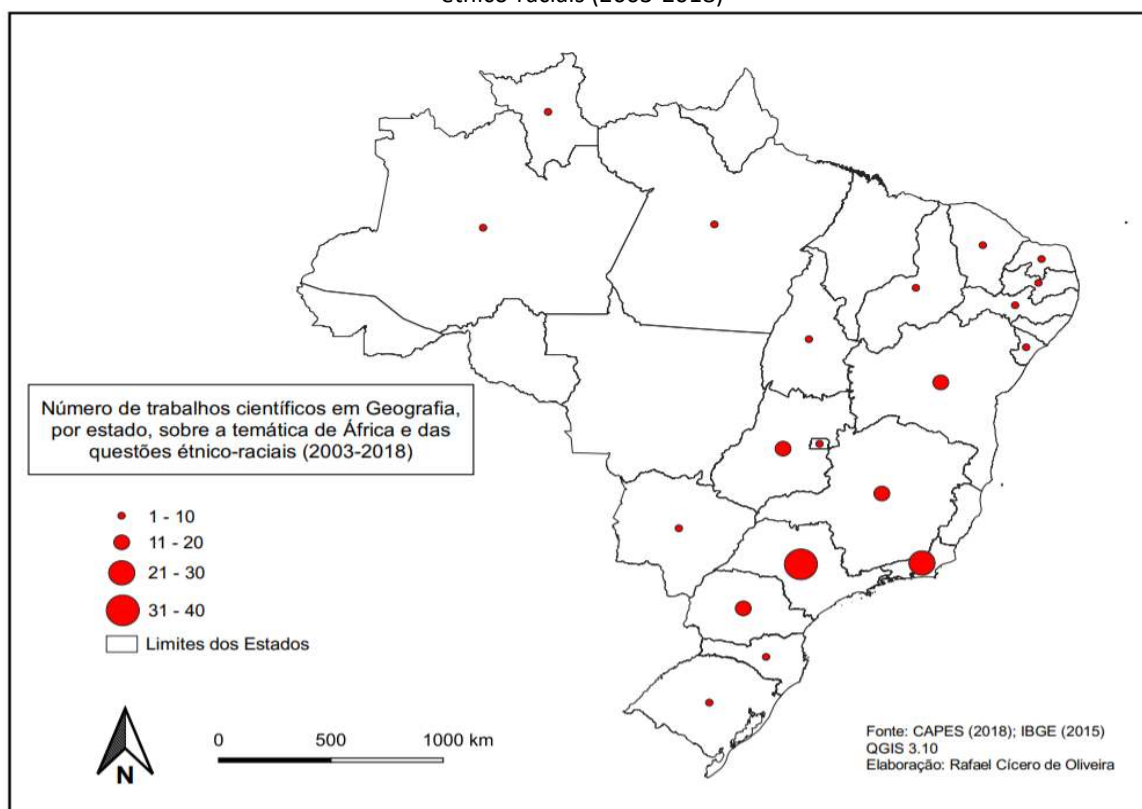
Esse crescimento também pode ser entendido na esteira de um debate nacional promovido pelo Movimento Negro. Para Gomes (2017), esse movimento atua como um movimento educador na política brasileira, mas também na ciência e nas academias. São sujeitos de uma força epistemológica que influencia a produção acadêmica nacional, ao trazer consigo contribuições às discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, principalmente ao indagar “as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico” (GOMES, 2017, p. 17).

Nessa perspectiva, podemos entender que o crescimento destas pesquisas está associado ao crescente número de alunos e alunas negras no ensino superior, da graduação à pós-graduação, em especial nas instituições públicas com políticas afirmativas<sup>3</sup>. Atualmente, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desde 2018 o número de negros passou a ser maior que de brancos. Em uma pesquisa de 2016 sobre o perfil dos alunos ingressantes no curso de Geografia da Universidade de São Paulo, realizada por Giroto (2017), os dados evidenciaram que 30% dos novos estudantes se autodeclararam negros.

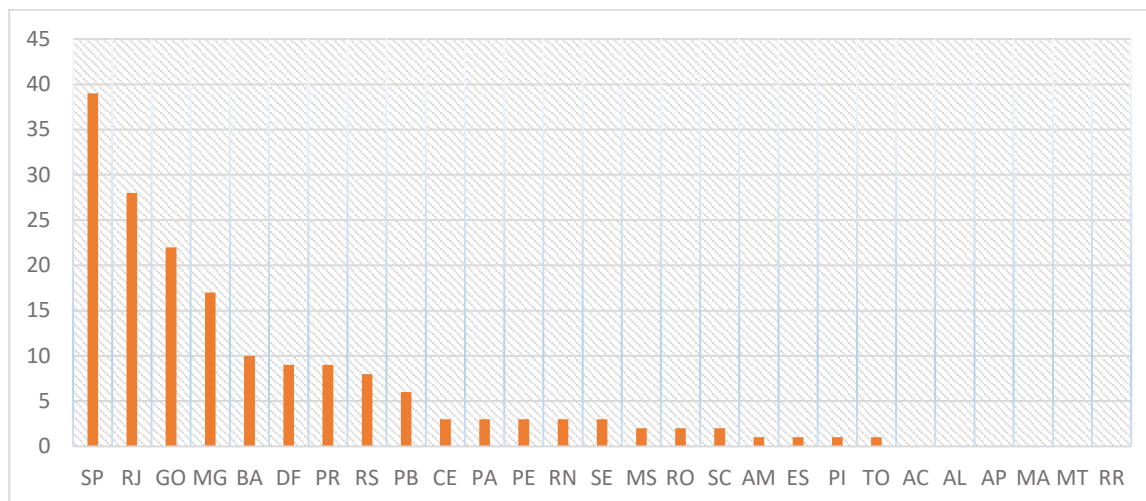
3 As ações afirmativas são políticas, projetos e práticas públicas e privadas que visam a superação de desigualdades que atingem historicamente determinados grupos sociais, a saber: negros, mulheres, homossexuais, indígenas, pessoas com deficiência, entre outros (GOMES, 2011). Dentre elas está a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08, e outra lei, muito importante para nossa discussão, a Lei de Cotas no Ensino Superior (Lei 12.711 de 2012), chamada Lei das Cotas, que define que as Instituições de Ensino Superior vinculadas ao Ministério da Educação e as instituições federais de ensino técnico de nível médio devem reservar 50% de suas vagas para as cotas.

Em relação a escala das pesquisas, as produções acadêmicas encontram distribuídas por todo território nacional, mesmo que de forma desigual. Temos pesquisas sobre Questões Étnico-raciais em todas as regiões brasileiras. Dos 26 estados e o Distrito Federal, encontramos trabalhos defendidos em 20 estados da federação e no Distrito Federal, como podemos observar no mapa (2) abaixo.

**Mapa 2:** Número de trabalhos científicos em Geografia, por estado, sobre a temática de África e das questões étnico-raciais (2003-2018)

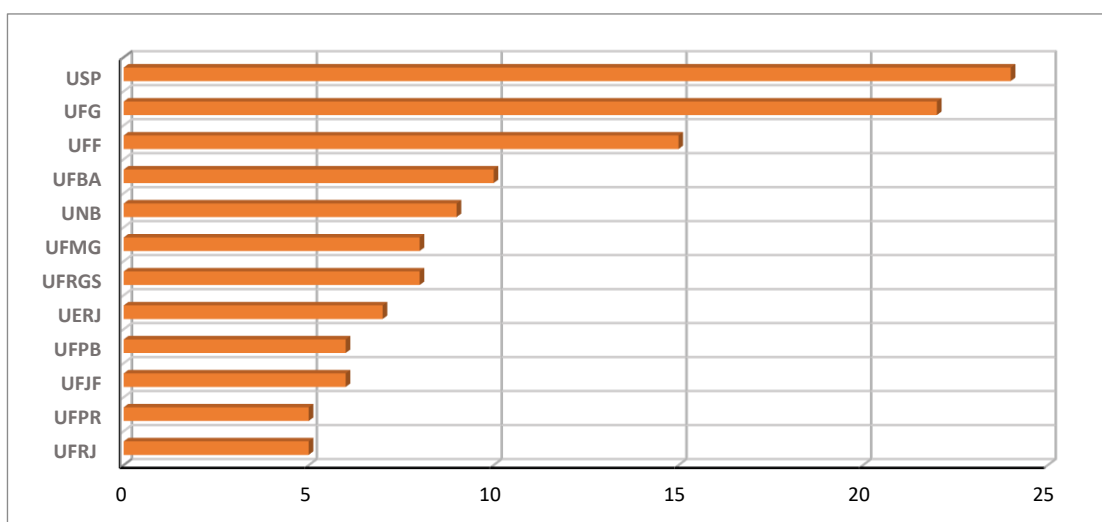


De qualquer forma, mesmo que as pesquisas estejam sendo desenvolvidas em todo território nacional, é possível visualizar no mapa 2 um predomínio dessa produção na região sudeste, nomeadamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além desses estados da região Sudeste cabe destacar o estado Goiás, com uma importante produção, como podemos visualizar melhor no gráfico (3) a seguir.

**Gráfico3:** Pesquisas de Geografia sobre Questões Étnico-raciais por estados (2003 a 2018)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A produção nestes estados vem sendo liderada por algumas universidades, como podemos ver no gráfico a seguir (Gráfico 4), que estão se tornando referências sobre este debate, a saber: USP, UFG e UFF. Cabe sublinhar que na UFG importantes trabalhos estão sendo desenvolvidos junto ao programa de pós-graduação em Geografia ligado ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA).

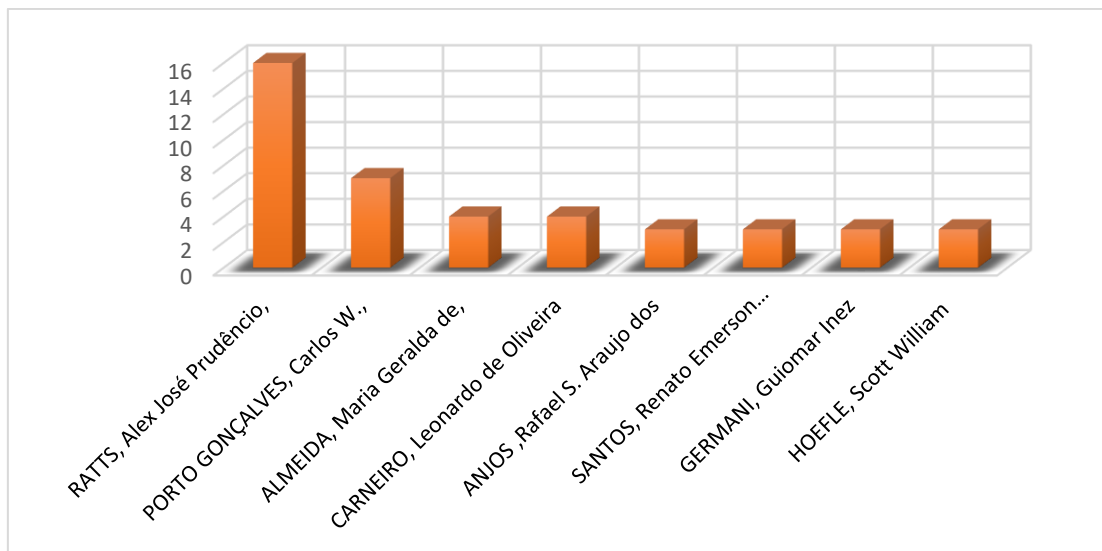
**Gráfico 4:** Pesquisas de pós-graduação em Geografia sobre Questões étnico-raciais por universidade (2003-2018)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nestas instituições alguns pesquisadores/orientadores se destacam no acompanhamento dos trabalhos, como podemos observar no gráfico a seguir (Gráfico 5). Dentre os trabalhos, destacamos a quantidade de orientações realizadas pelo pesquisador Alex José Prudêncio Ratts,

com 16 pesquisas, o que equivale a quase de 10% de todos os trabalhos realizados em território nacional.

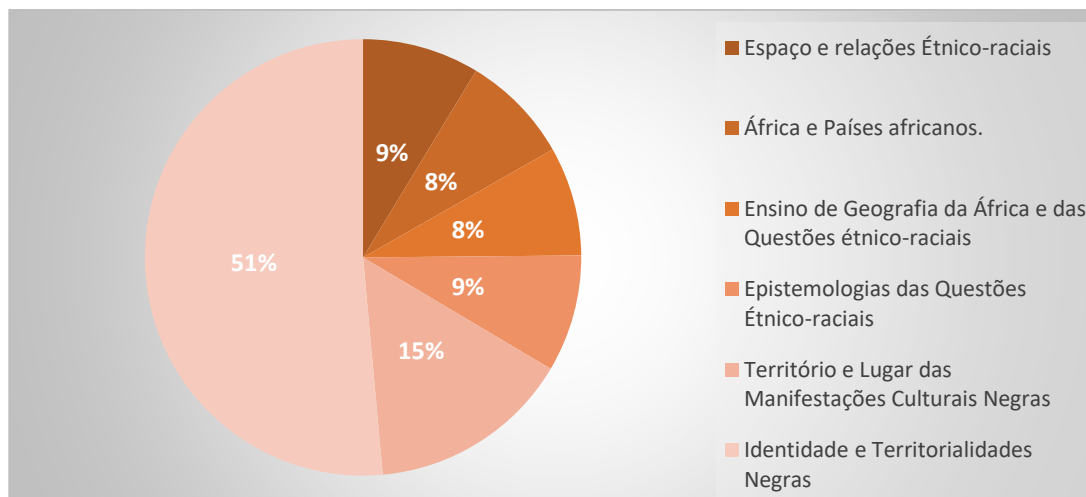
**Gráfico 5:** Autores com maior número de orientações na temática étnico-racial na Geografia (2003 a 2018)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Santos (2007, p. 21), já havia destacado que há um interesse de alguns geógrafos na produção de uma releitura das dimensões espaciais das relações raciais na sociedade brasileira, dentro dos diferentes eixos de análises de Geografia. Dentre as inúmeras pesquisas, podemos visualizar uma diversidade de temáticas, mas também algumas tendências ou predomínios.

A seguir, apresentamos uma proposta de sistematização dessas pesquisas a partir dos trabalhos de Cirqueira e Corrêa (2012; 2014). Esses autores dividiram os estudos em quatro eixos, a saber, Espaço e relações Étnico-raciais, Identidade e Territorialidades Negras, Território e Lugar das Manifestações Culturais Negras e Geopolíticas dos países africanos. A esses eixos acrescentamos outras duas linhas de estudos, que seriam: Epistemologias das Questões Étnico-raciais e Ensino de Geografia da África e das Questões étnico-raciais. Essa proposta começou a ser construída em outra oportunidade (OLIVEIRA, 2019) e dialoga com o recente trabalho de Fernandes dos Santos (2020).

**Gráfico 6:** Tendências das Pesquisas de Geografia sobre as Questões Étnico-raciais

Fonte:

Elaborado pelo autor.

A linha de pesquisa “Identidade e Territorialidades Negras” se destaca com maior número de pesquisas. São estudos que buscam analisar a questão território-raça e como essas relações grafam o espaço geográfico. Uma parte considerável de seus trabalhos aborda questões agrárias e ambientais relacionadas aos territórios quilombolas em sua formação, organização e conflitos que perpassam a constituição de territórios negros ao longo dos séculos (CIRQUEIRA e CORRÊA, 2012;2014). Outros trabalhos importantes são: *Território e territorialidade negra quilombola em Coqueiros BA: dos espaços de referências à afirmação identitária* (JESUS, 2013); *A comunidade remanescente de quilombo do engenho Siqueira: conhecimento tradicional e potencialidade da agroecologia na zona da mata pernambucana* (GONDIM DE ARAÚJO, 2011; e *Negros na mata Atlântica, territórios quilombolas e a conservação da natureza* (REZENDE, SILVA, 2008).

Na sequência, temos o eixo “Território e Lugar das Manifestações Culturais Negras”, com abordagens acerca dos aspectos culturais que compõem as permanências e performances culturais relativas à população negra ou com marcante influência africana, com um número considerável de trabalhos relacionados a manifestações religiosas de matrizes africanas (CIRQUEIRA e CORRÊA, 2012; 2014). Nessa linha de pesquisa, novos atores e conceitos também são incorporados nas análises geográficas, o que pode ser atestado em *A geografia das religiões afro-brasileiras em Itu-SP* (SILVA, 2012) ou em *Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca* (OLIVEIRA, 2016)

Os estudos sobre o continente e países africanos versam sobre as mais diferentes questões, abordando aspectos econômicos, sociais, ambientais e geopolíticos. Focam, em sua maioria, países lusófonos, com destaque para Moçambique, como em *Expansão urbana no município de Lichinga*

(*Moçambique - África*): agentes, processos e políticas (MASQUETE, 2018). Destacamos, na órbita dos assuntos em geopolítica, os trabalhos *Pontas em circuito: as inserções de Gana na Divisão Internacional do Trabalho contemporânea* (SANTOS, 2017), e *Geopolítica brasileira na África subsaariana: assertivas cooperativas e ou comitivas dos governos de Geisel (1974-1979) e Lula (2003-2006)* (SCHUTZER, ano). Especificamente sobre o tema dos refugiados, há o texto de Daniela Silva, intitulado *Das Migrações Forçadas à Contenção Territorial: as Geografias do Campo de Refugiados do Quênia* (SILVA, 2016).

Já na linha de pesquisa Espaço e relações Étnico-raciais, os trabalhos colocam em relevo as marcas raciais no espaço urbano, suas contradições em relação à raça, à segregação racial, como é o caso de *O planejamento urbano e a "invisibilidade" dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal, segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro* (CAMPOS, 2006); de *A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE*. (FREITAS, 2010); e de *Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania* - (CARRIL, 2003). Estes trabalhos conjugam o conceito de raça com as teorias espaciais, de modo a evidenciar as expressões espaciais do racismo, pois sabemos que “o sistema mundo moderno-colonial, e sua Geografia, se conformou por meio da discriminação racial” (PORTO-GONÇALVES, 2007, p. 11).

Outro eixo que estamos destacando é Epistemologias das Questões Étnico-raciais na Geografia (OLIVEIRA, 2019), com pesquisas que adentram o campo da discussão epistemológica da ciência geográfica, como em *Geografia e relações raciais: desigualdades socioespaciais em preto e branco* (MALACHIAS, 2006), ou quando são discutidas as questões étnico-raciais na história do pensamento geográfico, trazendo à baila o conceito de raça ao demonstrar as estruturas racistas da gênese da geográfica, a exemplo de *Inscrições da racialidade no pensamento geográfico (1890-1930)* (CIRQUEIRA, 2015).

Outra linha de pesquisa se refere ao Ensino de Geografia, de África e das Questões Étnico-raciais, sobretudo à luz da Lei 10.639. Os trabalhos buscam analisar os desdobramentos da referida Lei tanto na educação básica, é o caso de *Relações de Poder na construção do currículo praticado: uma análise de conflitos na prática cotidiana de professores na implementação da Lei 10.639 no Ensino de Geografia* (SANTOS 2016), como nas universidades, a exemplo do texto *A Lei 10.639/03 e sua implementação nas licenciaturas em geografia da UEL e UEM* (BOZELLI, 2018). Abarca-se ainda os livros didáticos de Geografia, como em *Lei 10.639/03: a representação da África e dos afrodescendentes nos livros didáticos de geografia no Brasil 2005-2014 Manaus/AM* –

(SILVA,2016), e os estudos sobre as representações do continente africano nas escolas, tal como em *Na sala de aula: a África de meus alunos* (LIMA, 2014).

Ao que nos concerne, das 14 pesquisas levantadas nesse eixo, três tratam diretamente da Lei 10.639 em relação ao Ensino de Geografia ou a práticas de Ensino de Geografia, outras três sobre o continente africano e suas representações no ensino, mais três sobre livros didáticos e as representações do continente africano ou das questões étnico-raciais, ainda três sobre educação e ensino de Geografia em territórios quilombolas e duas sobre as práticas ou metodologias de ensino para o ensino de Questões Étnico-raciais.

Nesse sentido, ao analisar o estado da arte acerca da temática das questões étnico-raciais constatamos que estes patenteadam novos e importantes debates no campo da epistemologia da geografia, uma vez que buscam reconstruir categorias e conceitos da ciência geográfica a partir das questões étnico-raciais. Em conformidade, esses autores assumem as categorias como variáveis, ao compreender que jamais podem ser definitivas, imutáveis, fixas, eternas, pelo contrário, elas vão evidenciando diferentes significados, sempre historicamente definidos.

Assim, a análise espacial do território, da paisagem, do lugar, em suas diferentes escalas, deve considerar as questões étnico-raciais como parte constituinte, de fato o são, sobretudo no Brasil, com a maioria de sua população sendo negra e que, ao longo dos seus mais de 500 anos, se constituiu a partir de relações assimétricas entre brancos, negros e indígenas. Ou seja, o espaço geográfico, enquanto totalidade, deve ser analisado como tal, e isso inclui considerar as questões étnico-raciais, que são estruturais, mantidas por uma rígida diferenciação socioespacial, e que sustentam relações excludentes do ponto de vista da inserção de negras e negros.

Encontramos inúmeros trabalhos que se apropriam do conceito de Território em suas análises. Anjos (2009b, p.14 9), se utiliza do conceito de Território para falar de territórios étnicos, como sendo um “espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial, onde geralmente a sua população tem um traço de origem comum”. Este autor (2005, 2019b), desvela as marcas estruturais da materialidade das questões étnico-raciais no território brasileiro, pois para ele o Território traz, na sua essência, grafias das referências e dinâmicas culturais e simbólicas das populações africanas e afrodescendentes. Anjos (2015, p.375) apresenta em seus estudos uma Geografia afro-brasileira, que rompe com o que ele chama de “Geografia da invisibilidade e da ignorância espacial”, com estudos sobre territórios étnicos, configurações territoriais da diáspora, demografia do Brasil Africano, territórios quilombolas e geografias africanas.

A categoria Território também é usada por Nogueira (2018), na sua construção conceitual e espacial dos territórios negros, “definidos a partir de relações de poder focadas na perspectiva racial, onde a identidade negra se faz presente, seja pela auto declaração daqueles que se apropriam daquele espaço, mesmo que não de forma absoluta, seja pela presença de marcadores culturais e simbólicos.”

Estes autores colocam em relevo as territorialidades de diferentes grupos afro-brasileiros e, em especial, as dos remanescentes de quilombos (ALVES, 2015); analisam a apropriação do espaço e sua organização, as práticas sociais e de vivências, bem como as relações de poder destes grupos, demonstrando suas singularidades e complexidades.

Também é crescente os estudos que se apropriam da categoria Lugar para analisar as questões étnico-raciais na Geografia, pois, enquanto totalidade do cotidiano, a ideia de Lugar remete “a uma análise do cotidiano e, portanto, do mundo vivido, onde a comunicação, a socialidade, a proximidade, a vizinhança e a co-presença são a base da vida em comum” (LAITANO, 2012, p.122), de tal modo que, no Lugar pode-se perceber também a força negativa da racialização, isto é, o racismo, “uma vez que é aí onde o corpo negro está, é percebido/percebe, é significado/significa e é colocado em encontro/confronto. Em linhas gerais, é no lugar onde convergem as experiências vivências determinadas pelo racismo ou relações racializadas” (CIRQUEIRA, 2010, p.56).

Por outro lado, as análises espaciais do Lugar permitem também visualizar as potências dos lugares enquanto escala de resistência, de luta, de memória e do acontecer solidário (SANTOS, 2009). Nesta linha, Kinn (2006) apresenta um estudo sobre os negros congadeiros da rede de Congada de Uberlândia, demonstrando que suas manifestações culturais e vida permanecem pela relação que esses nutrem com o lugar, ao mesmo tempo em que essas manifestações dão sentido ao seu lugar dentro da cidade. Essa perspectiva também pode ser vista nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte, estudadas por Ferreira (2009), que conformam um universo de saberes pertencentes a africanos e afrodescendente. Ali, tece-se a costura da identidade cultural e histórica entre os sujeitos e seus lugares, de tal modo que esses resistem à territorialização do capital da produção de celulose, constituindo assim, nas palavras do autor, “a geo-grafia negra e camponesa do Sapê do Norte”, “que historicamente tecem suas formas de apropriação do espaço, sempre em conflito com o sistema hegemônico” (FERREIRA, 2010, p 19).

Outra categoria central na Geografia, a ideia de Paisagem também é trabalhada na análise das grafias das questões étnico-raciais nos territórios, nos lugares, no próprio espaço geográfico. Como nos atentou Milton Santos (2008a, p. 61) “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança,

é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

Essas pesquisas demonstram as marcas da racialidade na Paisagem, como podemos ver nos estudos de Xavier (2005) sobre as grafias dos movimentos Hip-Hop na cidade de São Paulo, aquelas que no seu movimento e nas suas artes (Grafitti, MC, DJ e Break) constituem paisagens por todos os lugares da cidade.

Além desses elementos contemporâneos, a Paisagem é decorrência de acúmulos e heranças, é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, de um resultado histórico acumulado (SANTOS, 2009). Devemos a ela se debruçar caso busquemos desvelar contradições sociais e espaciais do movimento da história, tal como os territórios quilombolas entendidos como rugosidades – marcas no território – de uma herança espacial colonial que não se desfez com o tempo (ISOLDI, 2010).

De acordo com Santos (2008b, p. 138), “as rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”. Desta forma nos fornecem, elementos para entender as dinâmicas espaciais do passado, mas também do presente, pois refletem a coexistência, no presente, de elementos de diferentes idades. Para Malachias (2006, p.36), “o conceito de rugosidade surge como chave operacional, bastante apropriado ao enfoque das relações étnico-raciais, pois permite articular passado e presente simultaneamente, tanto na paisagem como nas configurações territoriais”.

Assim, por conta das reflexões apresentadas, percebe-se que as questões étnico-raciais vêm ressignificando as análises espaciais da Geografia brasileira, ganhando cada vez mais centralidade a partir de tensionamentos profícuos no próprio interior dessa ciência, de modo a influenciar a sua epistemologia, (...) “há que se reconhecer também a fecundidade e os avanços das discussões sobre as reações étnico-raciais na Geografia atual, principalmente por conta do contexto de negação mencionada” (CIRQUEIRA, 2015, p. 22).

### **Considerações finais**

A partir dos dados e das reflexões apresentados neste trabalho destacamos o crescimento de pesquisas acadêmicas sobre questões étnico-raciais, no seio da ciência geográfica. Como atestado pelos autores que trabalhamos, a promulgação da Lei 10.639/03 de fato suscitou discussões e pesquisas acadêmicas no campo das africanidades e das relações étnico-raciais no território brasileiro, principalmente nas argumentações “desenvolvidas por alguns geógrafos, [aqueles] que

buscam um alinhamento da discussão em Geografia escolar com as questões étnicas, raciais e demais Geografias, para que venham fazer cumprir a determinação da lei [...]” (FERRACINI, 2012). Os dados levantados aqui evidenciam que as pesquisas em Geografia que abordam as questões étnico-raciais vêm crescendo de maneira significativa, no período entre 2003 a 2018, somando 173 trabalhos contra apenas nove do período precedente, sobretudo aquelas a nível de mestrado, que correspondem a 2/3 das pesquisas. Essas se concentram majoritariamente em algumas universidades, com destaque para USP, UFG, UFF, mas estão distribuídas na maioria dos estados da federação, excetuando seis que não produziram nenhuma pesquisa em Geografia com essas temáticas.

A pesquisa indica também que o crescimento vem acompanhado de uma diversificação das temáticas nas mais variadas áreas do conhecimento da Geografia ou mesmo de correntes teórico-metodológicas, o que é salutar e demonstra o quão geográfico são as questões étnico-raciais. A partir dos trabalhos de Cirqueira e Corrêa (2012; 2014), apresentamos uma sistematização das temáticas abordadas nas pesquisas levantadas, em seis eixos, a saber, Espaço e relações Étnico-raciais, Identidade e Territorialidades Negras, Território e Lugar das Manifestações Culturais Negras e África e dos países africanos, Epistemologias das Questões Étnico-raciais e Ensino de Geografia da África e das Questões étnico-raciais. Cabe ressaltar que essa proposta não é definitiva e segue em construção.

Os trabalhos dialogam com as principais categorias da ciência geográfica, mas também trazem para estas outras categorias, tal como raça/etnia; novas temáticas e eventos, além de novos sujeitos e movimentos, como são os territórios quilombolas e as manifestações culturais e religiosas dos povos afro-brasileiros. Nessa perspectiva, os estudos colocam em relevo as dimensões espaciais das questões étnico-raciais, que por muito tempo foram negligenciadas ou silenciadas, incidindo assim, na própria epistemologia da Geografia.

Todavia, as produções acadêmicas de Geografia acerca das questões étnico-raciais ainda podem ser consideradas tímidas e devem buscar mais fôlego dentro dos debates epistemológicos e ontológicos da ciência geográfica, em especial em algumas áreas como no ensino de Geografia, pois, como vimos, apenas 9% das pesquisas abordam a Educação e o Ensino de Geografia, do total de 14, sendo duas em nível de doutorado e 12 de mestrado. Ainda em relação à quantidade, nos chama a atenção que esse número equivale a menos de uma pesquisa por ano, em relação ao recorte temporal do nosso trabalho. Afinal, considerando o ano de publicação dos trabalhos,

somente após nove anos da promulgação da Lei 10.639/03 foi defendido um trabalho sobre questões étnico-raciais no Ensino de Geografia em um programa de pós-graduação em Geografia. Entende-se que para efetivação da Lei 10.639/03, a ciência geográfica necessita avançar tanto quantitativa quanto qualitativamente em suas pesquisas acadêmicas, pois como destaca Ferracini (2012, p. 173) “para chegar ao campo escolar é preciso que as discussões acadêmicas ganhem peso e consistência teórico-metodológica para que atinjam os diferentes níveis do saber escolar”.

## Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. Recife-PE: Ed. UFPE, 2006.

\_\_\_\_\_. de A. A construção da geografia brasileira. In: **RA'EGA**. Espaço Geográfico em Análise, v. 3, 1999, pp. 18-34.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia e cultura: territórios dos remanescentes de quilombos no Brasil. Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais, 8, 2004, Coimbra. **Anais Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra: CES, 2004. p.1-16.

\_\_\_\_\_. A África, a educação brasileira e a geografia. In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília-DF: MEC/BID/UNESCO, 2005, v. 1, p. 167-184.

\_\_\_\_\_. Geografia, Cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial Cartogeo, 2014), p. 332-350.

\_\_\_\_\_. As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências. **Geosp – Espaço e Tempo**, v. 19, n. 2, p. 375-391, ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Quilombos: Geografia Africana-Cartografia Étnica-Territórios Tradicionais. Brasília: **Mapas Editora & Consultoria**, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A África Brasileira: População e territorialidade**. Acervo, Rio de Janeiro, v 22, n. 2, p 147-164, 2009b.

ARTES, Amélia; MENA-CHALCO, Jesus. Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, out./dez. 2017. 1221-1238.

BOZELLI, Letícia Maria. **A lei 10.639/03 e sua implementação nas licenciaturas em geografia da UEL e UEM. 2018**. 103f. Dissertação (mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

CAMPOS, Andreino de Oliveira. **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes**: discriminação étnico-racial, intervenção estatal, segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro. 2006. 392f. Tese (doutorado em Geografia): Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. **Quilombo, favela e periferia**: a longa busca da cidadania. São Paulo, 2003. 299f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; CORRÊA, Gabriel Siqueira. A questão étnico-racial na geografia brasileira: Um debate introdutório sobre produção acadêmica nas pós-graduações. In: **XII Colóquio Internacional de Geocrítica**, 2012, Bogotá - Colômbia. XII, Bogotá: Universidade Nacional de Colômbia, 2012. v. 1. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. “Questão étnico-racial na geografia brasileira: um debate introdutório sobre a produção acadêmica nas pós-graduações.”. **Revista ANPEGE**, v.10, n.13, p.29-58, jan-jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória de Milton Santos**. 2010. 159f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia – IESA/UFG, Goiânia, 2010.

\_\_\_\_\_. **Inscrições da racialidade no pensamento geográfico (1880- 1930)**. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

FAGUNDES, M. V. **Lei 10.639/2003 e o ensino de geografia na educação básica: Contribuições a partir dos Catopés em Montes Claros**. 2016. 169f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2016.

FERRACINI, Rosemberg. **A África e suas representações no(s) livro(s) escolares de Geografia no Brasil: de 1890 a 2003**. 2012. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Dialogando geografia acadêmica e escolar: o caso do continente africano. **GeoTextos**, v. 8, n. 2 p.165-182, dez. 2012.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.

FERREIRA, Simone R. B. **“Donos do Lugar”**: a territorialidade quilombola no Sapê do Norte – ES. Tese (Doutorado em Geografia). 2009. 522f. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

FERREIRA, S. R. B. **“DONOS DO LUGAR”**: A GEO-GRAFIA NEGRA E CAMPONESA DO SAPÊ DO NORTE – ES. **Geografares**, [S. l.], n. 8, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1298>. Acesso em: 20 set. 2020.

Ferreira, D. C., & Ratts, A. R. (2018). A Segregação racial em Goiânia: representação dos dados de cor ou raça (IBGE, 2010). **Ateliê Geográfico**, 11(3), 170-192. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v11i3.45334>. Acesso. 29 de setembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

FREITAS, F. L. S. **A territorialidade da criminalidade violenta no bairro Jardim das Oliveiras – Fortaleza/CE**. 2010. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós Graduação, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

GIROTTI, E.D. A classe trabalhadora vai a universidade: análise das implicações político pedagógicas a partir dos dados do departamento de geografia – USP. **Revista da Anpege**. p.209-235, V.13, n.20, jan./abr. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SECAD-MEC. (ORG.) **Educação antirracista; caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03**. Brasília-DF: MEC/BID/UNESCO, v. 1, p. 39-62, 2005.

\_\_\_\_\_. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. **Revista Políticas e Sociedade**, v. 10, nº 18, p. 133-154, abril de 2011.

\_\_\_\_\_. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03. **Geledes**, São Paulo, 27/03/2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei-10-63903-2/> Acesso em: 10, fevereiro, 2020.

Gondim de Araújo, Marli. **Comunidade remanescente de quilombo do Engenho Siqueira**: conhecimento tradicional e potencialidade da agroecologia na zona da mata pernambucana. 2011. 165f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

HADDAD, S. Juventude e escolarização: uma análise da produção de conhecimentos. Brasília, DF: **MEC/ Inep/ Comped**, 2002. (Estado do Conhecimento n. 8).

JESUS, Fábio Nunes de. **Território e territorialidade negra quilombola em Coqueiros- BA**: dos espaços de referências à afirmação identitária. 2013.165f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

KINN, Marli Graniel. **Negros Congadeiros e a cidade**: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia-MG. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2006.

LAITANO, Gisele Santos. **Os jovens do Quilombo Dos Alpes no duelo ético-estético**: identidades, territórios e o lugar. 212. 196f. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LIMA, Romise Inez de. **Sala de aula: África dos meus alunos**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

MALACHIAS, Antônio Carlos. **Geografia e relações raciais: desigualdades socioespaciais em preto e branco**. 2006. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARCELINO, Jonathan da Silva. **Geografia, Movimento Negro e Relações Étnico-Raciais: Um diálogo necessário**. 2018. 240f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MASQUETE, Júlio Ambrósio. **Expansão Urbana do Município de Lichinga (Moçambique-África)**: agentes processos e políticas. 2018. 250f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Territórios negros em Florianópolis**. 2018. 137f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2018.

OLIVEIRA, Denílson Araújo. **Territorialidades no Mundo Globalizado**: outras leituras da cidade a partir da cultura hip hop. 2006. 169f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

OLIVEIRA, Rafael Cícero. O Estado da arte das questões étnico-raciais na geografia: um debate introdutório a partir da produção acadêmica na pós-graduação brasileira. IN: **ANAIS da 12ª Semana de Geografia da UNICAMP**. Por uma geografia Afrocentrada, Campinas, 2019.

PAULA, Cristiano Quaresma de. A expansão da pós-graduação no território brasileiro e a emergência: De sujeitos historicamente invisibilizados na pesquisa geográfica. **Revista da ANPEGE**, v.14, nº 25, p.39-70, ago/out. 2018.

PEREIRA, Paola Gomes. **O Ensino de geografia e as representações sociais do continente africano para sujeitos alunos**. 2012. 158f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia do sistema mundo-moderno-colonial numa perspectiva subalterna. In: SANTOS, R. E. dos. (Org.) **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil**. Autêntica: Belo Horizonte, 2007.

QUIJANO, Aníbal. "O que é essa tal de raça?". In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.) **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro no ensino de geografia**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007.

RATTS, Alex. A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, M. G.; RATTS, A (org.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 29-49.

\_\_\_\_\_. As etnias e os outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. **Espaço e cultura**, nº 17-18, p.77-89, Jan/Dez de 2004.

\_\_\_\_\_. Geografia, relações étnico-raciais e educação: a dimensão espacial das políticas de ações afirmativas no ensino. **Terra Livre: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças**. Ano 26, v. 1, n. 34, p. 125-140, jan-jun/2010.

REZENDE-SILVA, Simone. **Negros na Mata Atlântica, comunidades quilombolas e a conservação da natureza**. 2008. 357p. Tese (Doutorado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

ROMANOWSKI, Joana P.; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, set-dez. 2006, p. 37-50. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, Brasil.

SANTOS, K. L. dos. Pontas em circuito: **As inserções de Gana na divisão internacional do trabalho contemporânea**. 2017. 271f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EdUSP, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a geografia crítica**. São Paulo: EdUSP, 2008b.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: Técnica, Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EdUSP, 2009.

SANTOS, Renato. Emerson. dos. O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639/03. In: SANTOS, R. E. dos. (Org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 21-40.

\_\_\_\_\_. Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento Negro. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 12º. Montevideo. **Anais do XII EGAL**, Montevideo: Universidad de la República, 2009.

\_\_\_\_\_. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Tamoios**. Ano VII. Nº 1, p. 4-24, 2011.

SANTOS, Ronald Coutinho. **Relações de Poder na construção do currículo praticado: uma análise de conflitos na prática cotidiana de professores na implementação da Lei 10.639 no Ensino de Geografia**. 2016. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós Graduação em Geografia FFP/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

SCHUTZER, Herbert. **Geopolítica brasileira na África Subsaariana: assertivas cooperativas e ou conflitivas dos governos de Geisel (1974-1979) e Lula (2003-2006)**. Um estudo de geopolítica comparada. 2009. 210f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2009.

SILVA, Daniela Florêncio da. **Das migrações forçadas à contenção territorial: as geografias do campo de refugiados de Dadaab no Quênia**. 2016. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

SILVA, Patrícia Paula da. **A geografia das religiões afro-brasileiras em Itu – SP**. 2012. 193 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

SILVA, Waldnely Gusmão da. **Lei 10.639/03: a representação da África e dos Afrodescendentes nos livros didáticos de Geografia no Brasil 2005-2014**. 2016. 118.f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

VAZZOLER, L. dos S. **A questão racial no ensino de Geografia**. 2006. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

XAVIER, Denise Prates. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento Hip Hop**. 2005. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.